

Após quatro décadas de congelamento e inchaço, é crescente o consenso de que urge rever os programas do Ensino Médio. Tornou-se cada vez mais evidente que currículos hipertrofiados e enciclopédicos não significam qualidade. O Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, com questões transdisciplinares e focadas em competências, durante alguns anos teve utilidade como norteador para essas reflexões por parte dos professores, ajudando na atualização da ação docente. A recente proposta de um “novo ENEM” veio ampliar esse debate, o que é bem-vindo, mas veio também colocar em pauta a função do próprio ENEM, o que é mais complicado.

No que se refere às avaliações que envolvem a conclusão da Educação Básica, é preciso considerar que sua função não é meramente diagnóstica. Seu papel ultrapassa a mera apuração. Para além do levantamento de uma realidade presente, elas podem apontar caminhos e induzir inflexões, enfim, orientar o sistema de ensino como um todo. Para isso o avaliador deve ser, antes mais nada, um educador. Convém portanto que se dê um especial cuidado à destinação e aos usos dos resultados aferidos. Eles não devem se restringir apenas à seleção dos candidatos à Educação Superior. O sentido maior de todo o investimento feito pelo governo e pelos cofres públicos nas avaliações do ENEM deve ser também o de melhorar a qualidade da sala de aula e das práticas docentes na Educação Básica.

Por isso mesmo, neste momento de revisão, é oportuno que o governo esteja consciente da importância de garantir que, em todo o país, escolas e professores do Ensino Médio recebam relatórios detalhados do desempenho de seus alunos em cada prova e em cada competência. E que esses relatórios cheguem a tempo de se planejar o ano letivo seguinte. No entanto, os boletins do ENEM de 2008 jamais chegaram às escolas, nem tampouco os de 2007... Dessa forma, escoá-se um dos principais sentidos do investimento feito pelo país em avaliações tão dispendiosas. O que temos é a simples divulgação de medições e rankings, que uma vez lançados à opinião pública têm efeito sensacionalista, **mas** apenas semeiam desconfiança em relação ao sistema de ensino como um todo, sem indicar caminhos para aperfeiçoamentos.

Qualquer que venha a ser o seu novo formato, o ENEM terá a ganhar em utilidade, precisão, ética e qualidade se for assegurado aos professores e escolas da Educação Básica o papel de destinatários da avaliação. Somente assim o grande investimento feito poderá ter um impacto efetivo na sala de aula e permitirá que se instale um círculo virtuoso na Educação Básica brasileira.

Pedro Flexa Ribeiro

É educador